

O corpo em *Δ* sombra do patriarca, de Alina Paim¹

Daniele Barbosa de Souza Almeida ²

Alina Paim, autora sergipana, começa a escrever aos 12 anos para o jornalzinho da escola, aos 23 anos escreve seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade* (1944). Seu livro é tão bem recebido pelo público e pela crítica que quatro meses depois da publicação, a primeira edição está esgotada. Para a pesquisadora Ana Leal Cardoso, a obra de Paim convida o leitor para uma reflexão sobre a opressão das mulheres, pois “sua obra rompe com esse estado de coisas em que a mulher é sempre uma célula menos, pondo em questão as relações sociais e de gênero” (CARDOSO, 2007, p. 287).

Dando seqüência a sua obra, Paim escreve quase 10 romances e quatro obras infantis. Seus romances contêm sempre uma crítica ao poder e a opressão dos mais fracos. Escreve sobre a classe operária, sobre o amor e sobre a mulher. Alina Paim é uma mulher de esquerda que lutou pelas causas feministas. Seus romances são muito pouco conhecidos no Brasil e até mesmo no seu estado de origem, Sergipe.

Este trabalho, além de divulgar a obra dessa autora no mundo acadêmico, pretende usar as reflexões sobre o corpo, proposta

¹ Mestrando em Literatura Brasileira – POSLIT/FALE UFMG

¹ Grifo nosso.

² Grifo nosso.

por Elódia Xavier, para esclarecer a relação do corpo feminino com a construção da identidade de gênero. Daremos destaque ao como as relações homem – mulher são representadas na ficção de Paim, para contextualizar as tensões da sociedade nordestina e patriarcal.

A relação corpo/mulher é um tema amplamente discutido pela crítica feminista que vê o corpo como um espaço de aprisionamento e de inscrições sócio culturais excludentes. Para o feminismo, o corpo também é uma construção cultural, por isso opõe-se à premissa de que o mundo das idéias é espaço característico do homem, e à mulher foi atribuída a maternidade, como uma função biológica da mulher. Os estudos de gênero provaram que esse ponto de vista, que ganhou força culturalmente, serviu durante muito tempo para justificar o papel secundário da mulher na nossa sociedade.

Em *A sombra do patriarca* (1950), Paim não se limita a escrever apenas sobre um tipo de mulher, pelo contrário, seu imaginário feminino é diversificado e transborda de pontos de vista diferentes. Vários tipos de corpos são construídos e desfilam em sua obra. É da interação desses corpos femininos que resulta uma ficção trabalhada e preocupada em se posicionar contrária ao poder do homem.

Observando a importância do corpo para a crítica feminista, Elódia Xavier em *Que corpo é esse?* (2007), cria uma tipologia baseada nas narrativas de autoria feminina brasileira, levantando dez categorias dentre as quais destacaremos os cinco tipos encontrados no romance de Alina: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado e corpo liberado.

Ao identificar os tipos de corpo presentes em *A sombra do patriarca*, analisaremos também os tipos de relação entre eles e o patriarcado representado pela figura de Ramiro, tio de Raquel, protagonista da narrativa. Em meio aos tipos de corpo elaborados pela autora, podemos perceber uma obra amadurecida e engajada não só com o social, mas também com o estético, conferindo à sua obra o caráter educativo de um romance de formação.

A sombra do patriarca divide-se em duas partes: na primeira, Raquel chega à fazenda Fortaleza; na segunda, ela busca a liberdade em Curral Novo, num processo de travessia. Esse espaço social é visto por uma escritora engajada que denuncia não só as humilhações sofridas pela mulher, como também “o preconceito contra a mulher do meio rural do Nordeste, onde tudo parece girar em torno da prepotência do senhor de engenho” (CARDOSO, 2007, p. 288).

A visão feminista do corpo que esse trabalho valoriza, entende que o corpo é um tecido histórico e cultural e não uma simples associação de oposição entre macho/fêmea. Os estudos de gênero ressaltam o corpo como uma experiência, na qual o sujeito é controlado e vigiado pela sociedade. Isso fica evidente com a presença de corpos submissos e subalternos, por meio dos quais o poder do patriarca se repete *ad infinitum*. Na obra de Alina Paim, os corpos são diversificados e abrangem um olhar feminista como veremos a seguir.

A dinâmica do texto da escritora sergipana está presente na forma como os corpos femininos são usados como uma extensão do patriarcado, com exceção do corpo liberado.

Corpo Liberado

A protagonista de *A sombra do Patriarca*, Raquel, é o primeiro exemplo de corpo liberado da narrativa. Seu processo de autoconhecimento se dá no momento em que, a pedido de seu pai, visita as terras de seu tio, Ramiro, e adoece, sendo obrigada a permanecer na fazenda por mais tempo.

Desde o primeiro momento na fazenda, as idéias de Raquel entram em choque com as idéias de seu tio. Ramiro é a própria representação do patriarcado. Seu poder de pai, marido e senhor de engenho oprime a todos a sua volta.

Em vários momentos da narrativa, Raquel entra em conflito com o tio e com Tereza, filha mais velha de Ramiro, ao externar suas opiniões. Suas idéias sobre o papel da mulher são consideradas por ambos, como um desrespeito e uma negação da autoridade. Segundo Elódia Xavier, as “protagonistas mulheres que passam a ser sujeitos de sua própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento” (2007, p.167), são exemplos de **corpo liberado**. Assim observa-se que Raquel é uma mulher que não se deixa aprisionar pelas amarras do patriarca.

Raquel defende que a mulher não precisa ser submissa ao seu marido e que, pelo contrário, “A mulher pode ter personalidade e não precisa apagar-se diante do marido.” (ASP, p. 39). Diante da opinião de Ramiro de que “a mulher foi feita para tomar conta da casa, cuidar do marido e criar os filhos” (ASP, p. 46), Raquel se rebela e diz não acreditar que a mulher seja desprivilegiada intelectualmente e nem que deva se submeter às concessões de seus pais e maridos em ser professora ou contadora.

Com isso observa-se que o **corpo liberado** de Raquel vai ao ataque do patriarcado e vê a família tradicional “dessacralizada”. Essa forma de ataque não foi apenas exercida pelo feminismo, mas sim pela concepção modernista (cf. XAVIER, 2006, p. 9).

Raquel acredita que “a mulher pode competir com um homem e vencer em qualquer coisa para que tenha vocação. Pode ser médica, advogada e até engenheira, apesar das dúvidas de muitos homens sobre suas aptidões para a matemática” (ASP, p. 46).

Raquel desafia a autoridade de seu tio e acrescenta que a sua maneira de encarar a situação da mulher está muito atrasada. Ela não tem medo de afirmar diante de seu tio que é contra a eternização do arbitrário de que nos fala Pierre Bourdieu em seu livro *A dominação masculina*, uma vez que ao homem naturalmente cabe o mundo exterior; à mulher, a casa, onde terá constantemente a vigilância de seus pais e maridos:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres...” (BOURDIEU, 1999, p. 18).

O fato de Raquel ser a protagonista da narrativa e ter um comportamento diferente para os padrões da época antecipa a opinião de Paim sobre o papel da mulher diante da sociedade. É principalmente através de Raquel que Alina Paim dialoga com suas leitoras na tentativa de lhes mostrar um novo caminho.

Outro exemplo de **corpo liberado** da narrativa é Leonor, prima de Raquel. “Leonor e eu éramos aliadas, tínhamos a unir-nos a vontade de escapar da sombra do patriarca, o desejo de quebrar essa seqüência de orgulho e submissão” (*ASP*, p. 70). Seus sonhos vão além de se libertar do domínio do avô, já que incluem também liberar seu pai e ajudar tantas pessoas que vivem na sombra de Ramiro, denominado por ela de Senhor Feudal.

Através dessa Leonor, Alina Paim alerta suas leitoras para a ação repressora do condicionamento familiar, que cria mecanismos protetores e ao mesmo tempo constritivos. Alina Paim constrói um romance de formação, a autora tem conhecimento de que a literatura pode ser usada como um agente de amadurecimento de opiniões e que pode proporcionar a suas leitoras o contato com situações que

lhe inspirem confiança na busca pela liberdade, favorecendo o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e apropriado.

Tanto Leonor, quanto a própria Raquel têm mulheres em quem se espelhar. Observa-se na narrativa que Raquel é o duplo da sua avó, Donana, e que Leonor tem como grande mestra D. Gertrudes. Destacaremos agora as idéias de D. Gertrudes que influenciaram Leonor.

Para que haja um contraste e uma maior exposição do domínio masculino sobre o corpo feminino, Alina Paim cria em sua obra modelos de mulher completamente submissos como o que se segue adiante.

Corpo Invisível

O exemplo de corpo mais submisso da narrativa é o corpo invisível. Segundo Elódia Xavier, esse tipo de corpo tem a característica de ser completamente apagado tanto na corporalidade como no que diz respeito a opiniões e atitudes. É “a inexistência da mulher como sujeito do próprio destino” (XAVIER, 2007, p. 34). A presença desse tipo de corpo na obra é uma crítica ao poder patriarcal capaz de anular completamente a mulher.

Amélia, esposa de Ramiro, é a representante desse tipo de corpo na obra. Mãe de duas filhas, Amélia é massacrada pelo marido que não lhe perdoava o fato de não ter lhe dado um herdeiro homem, que continuasse a sua obra e perpetuasse a sua sombra. Diante da pressão e do desprezo do marido, Amélia se apaga quase que completamente, conservando apenas a vivacidade do olhar.

Devia ter sofrido muito para chegar aquele extremo, apagada e silenciosa como sombra... durante todo esse período ela suportara o peso do descontentamento do marido e fora cedendo, palmo a palmo, seus direitos naquela casa em troca da tranquilidade de uma vida despercebida (*ASP*, p. 93).

O casamento de Ramiro e Amélia segue rigorosamente o casamento patriarcal da classe dominante no qual “o casamento era um contrato socioeconômico que não pressupunha afinidades afetivas e nem sexuais” (XAVIER, 2006). O casamento deles não segue os padrões burgueses, os dois não dirigem a palavra no romance. Amélia é completamente invisível aos olhos de Ramiro. Seguindo adiante, a dinâmica dos corpos de *A sombra do patriarca*, identificamos o **corpo disciplinado** como exercício do controle da família patriarcal.

Corpo Disciplinado

Uma das personagens mais interessantes da obra é Tereza, filha de Amélia e Ramiro. Tereza é o espelho do pai, uma personagem contraditória, pois ao passo que se submete a um casamento arranjado é também manipuladora: “Tereza estava em contradição consigo mesma. Era autoritária, tentava dobrar as pessoas em torno de si, até o próprio marido, e queria passar por uma criatura mansa e cordata, pregando justamente o contrário do que fazia na realidade” (ASP, p.39). Tereza é um exemplo de **corpo disciplinado**, à luz da teoria de Bourdieu, segundo a qual “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 1930, p.46)

Ela faz do seu filho uma arma, já que foi a única que deu a Ramiro um herdeiro digno de prosseguir a sua obra, um homem; e Tereza se aproveita disso, gosta de ser igual ao pai e ensina a todos os seus filhos as suas ideologias patriarcalistas. Abelardo, o filho mais novo, é convencido pela mãe de que quer ser o engenheiro que vai tomar conta da fazenda quando o avô morrer. Quando Abelardo pergunta à mãe o que aconteceria se ele desejasse ser oficial da ma-

rinha, essa é a resposta que ele recebe: “Nunca você desejou uma coisa dessas. Escute, Abelardo, desde pequenino que você vem mostrando sua inclinação. Já esqueceu o canteiro do jardim onde fazia suas plantações? Ninguém duvida mais que no futuro você seja um grande engenheiro” (*ASP*, p. 30).

Um outro aspecto interessante da vida de Tereza é a sua relação com o marido, Oliveira, por quem Raquel se apaixona no decorrer da narrativa, dando mais uma prova de que é uma mulher diferente, que aos 25 anos ainda não se casou e que sequer tem pretendentes. Tereza discrimina o marido pelo fato de não ser o provedor da família, função de um homem forte e viril numa sociedade falocêntrica. Um homem fraco como o seu marido, não pode ser exemplo para seus filhos, então ela nega-lhe o direito de educá-los. Nesse sentido, Tereza aplica “os esquemas de percepção e de avaliação universalmente partilhados” (BOURDIEU, 1999). Paradoxalmente, o fato de Oliveira ser um homem incapaz de sustentar sua família e, portanto, indigno de consideração dentro de sua própria casa, faz com que Tereza se sinta também inferior, uma vez que cabe ao homem ocupar a posição dominante no casal.

Corpo subalterno

Nas sombras do patriarcado, a diversidade de mulheres oprimidas não pára na disciplina, elas escondem muitos corpos subalternos. Duas personagens chamam a atenção de Raquel para a situação de miséria do povo que mora nas terras de seu tio e que lhe prestam vassalagem. A primeira é Lucrecia, uma ex-escrava que havia trabalhado em sua casa. Lucrecia é um **corpo subalterno** marcado pela carência e pela inferioridade que também tem a marca da ganância de Ramiro e que no fim de sua vida mora numa casa de palha na entrada da mata. “Estava velha, não agüentava mais nada, só presta mesmo pra dar auxílio na boa hora” (*ASP*, p. 145)

A segunda é Joana Louceira. Joana dera a luz a oito filhos, dos quais cinco morreram logo após o parto, devido à miséria em que vivia. Trabalha fazendo e vendendo louça e acredita ter tido sorte melhor do que a de muita gente, pois tem a ilusão de não ter se deixado escravizar. “Com chuva ou bom tempo, passara a curta mocidade e entrava pela velhice tangendo o jegue na madrugada dos sábados, sem resultado algum, sem nunca ter tido a perspectiva de melhorar a condição” (*ASP*, p. 171).

Como visto nesta comunicação, a obra de Alina Paim apresenta uma cuidadosa tessitura do universo feminino. Do corpo subalterno ao liberado, suas personagens apresentam um obra feminista que problematiza o espaço da família patriarcal. De acordo com a pesquisadora Ana Leal Cardoso, vale destacar que a representação da mulher no romance de Paim é fruto de uma consciência autoral amadurecida que ultrapassa os limites do feminino convencional por denunciar as amarras do patriarcado (cf. 2007, p. 295).

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARDOSO, Ana Leal. Uma leitura feminista da obra de Alina Paim. In: SILVA, Antonio de Pádua (Org.). **Gênero em questão – ensaios de literatura e outros discursos**. Campina Grande: EDUEP, 2007.

PRIORI, Mary Del (Org.) **História das mulheres no Brasil** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PAIM, Alina. **A Sombra do Patriarca**. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado - a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.

XAVIER, Elódia. A família no banco dos réus. In: **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Itabaiana: EdNUL, 2006. Acessada em julho

de 2007. Endereço eletrônico:http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/links/edic_interdisc.htm

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? - o corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.